

Sarney

Dia da

Protesto tumultua

Pátria

QUINTA-FEIRA, 8 DE SETEMBRO DE 1988

desfile em Brasília

Paradas, fogos de artifício, tiros de canhão e concertos de música clássica marcaram ontem, em todo o País, as comemorações do 166º aniversário da Independência, mas em Brasília, onde desfilaram dez mil militares e civis, o presidente José Sarney foi vaiado duas vezes. Ao chegar para o desfile, às 10 horas, e ao seguir para um almoço reservado com os quatro ministros

militares, o presidente não pôde evitar as manifestações de protesto de grupo de políticos, ecologistas e funcionários públicos. À noite, longe de tumultos, Sarney comemorou o 7 de Setembro com uma recepção para cerca de 300 pessoas no Palácio do Itamaraty. Em São Paulo, mais de 55 mil pessoas ocuparam a avenida Tiradentes para acompanhar o desfile de dez mil

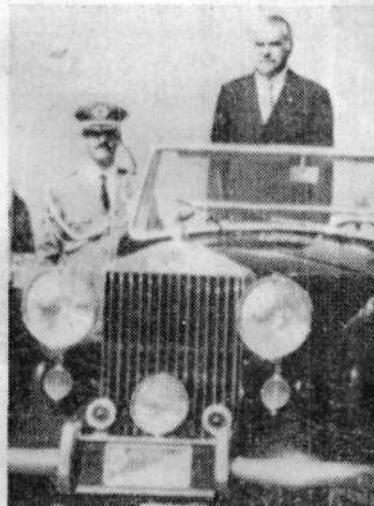
civis e militares, aberto pelo desenhista industrial Nelson Montini a bordo do tanque Osório. Uma das atrações no Rio, cujo desfile reuniu dez mil homens e mulheres das três Armas na avenida Presidente Vargas, foi a apresentação do Astros II, fabricado pela Avibrás, considerado um dos equipamentos convencionais de maior capacidade de fogo da atualidade.

Manifestantes vaiam Sarney

BRASÍLIA — A comemoração do 7 de Setembro em Brasília, ontem, teve dois cenários. Um na avenida principal da capital da República, onde pelotões de militares desfilavam para seus ministros e o presidente José Sarney. Outro na retaguarda da população que assistia à festa, com estudantes, representantes do Partido Verde e funcionários do Projeto Rondon enfrentando a repressão policial para tentar exibir faixas e gritar palavras de ordem. As primeiras faixas continham slogans mais simples, como "SOS Amazônia", mas foram acompanhadas de vaias para o presidente Sarney, logo em sua chegada, no Rolls Royce presidencial, em frente ao palanque oficial.

Os grupos não eram grandes, mas a polícia não vacilou. A qualquer tentativa, os agentes tomavam as faixas e detinham os manifestantes. No começo eles eram soltos. No final, contudo, Rui Carlos e Flávio Villar, coordenadores da União da Juventude Socialista, foram levados em camburão, enquanto uma moça era conduzida à Delegacia de Menores. Foram presas, no total, oito pessoas. Estabeleceu-se confronto entre manifestantes e policiais, já chegando a hora de terminar o desfile, os estudantes arriscaram a suspensão de faixas mais incisivas. "Que país é este?", "Que Independência é esta?", podia-se ler em duas faixas abertas quase em frente ao palanque onde estava Sarney. "Independência de quem?", dizia outra.

Fortalecida pelos pelotões que acabavam de desfilar, especialmente da polícia de choque, a repressão aumentava cada vez mais. De preto, com escudo e cassetetes, o pelotão de choque foi afastando os estudantes, que preferiam correr para mais longe,



José Paulo/AE

Sarney: início do desfile

embora continuassem gritando palavras de ordem cada vez mais duras, entre elas "Sarney, ladrão, Pinochet do Maranhão". Em determinado momento, o tenente Magalhães chegou a sacar o revólver, mas o guardou logo em seguida.

"Olha a parada, gente, olha o desfile. Não tem nada acontecendo ai atrás", gritava um coronel da Polícia Militar para o povo que assistia à festa, enquanto os policiais batiam, empurravam e faziam prisões de manifestantes. Muitos populares preferiram abandonar a avenida, preocupados com a repressão. Logo no início das manifestações, o tenente Paulo Henrique explicava, nervoso, depois de terem sido apreendidas as primeiras faixas, que o desfile era de caráter patriótico, cívico, e não comportava os protestos que se verificavam.

SEM NOVIDADES
O presidente José Sarney

pouco conversou com seus companheiros de palanque, trocando algumas palavras com os vizinhos mais próximos, o ministro da Marinha, almirante Henrique Sábóia, e o líder do PFL no Senado, Marcondes Gadelha. À distância, Sarney lembrava o ex-presidente João Figueiredo no sexto ano de mandato: não conseguiu ficar em pé durante todo o desfile (sentou-se duas vezes) e permaneceu sério ao lado da mulher, Marly, quase todo o tempo.

O desfile militar, em sua essência, não mostrou muito mais coisas que Sarney já não tivesse visto no Dia do Soldado ou em anos anteriores: carros de combate Uruta e Cascavel com pintura camuflada, um cavalo dançarino do I Regimento de Cavalaria de Guardas, tropas da Polícia Feminina e do Corpo Feminino da Aeronáutica, o Batalhão Caiena, uma companhia de engenharia de combate (sem as pontes de ferro, montáveis), o Equipamento de Direção de Tiro (EDT), caminhões, jipes e canhões antiaéreos.

De novo, mesmo, foi mostrada uma equipe da Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (Sucam) que passa a atuar na Defesa Civil, dezenas de kombis do novo aparato da Secretaria de Segurança do Distrito Federal, destinadas ao serviço de rondas, soldados do Exército formando a palavra Brasil e FT-90 (Força Terrestre para o ano de 1990) e apenas uma representação da indústria nacional: o sistema de lança-foguetes Astros, da Avibrás.

Até uma das grandes atrações do ano passado — a Operação Caminho do Céu — passou desapercebida, por causa do pouco número de aviões que mandou, só 32, e assim mesmo desfilando tão longe do eixo rodoviário Sul que poucas pessoas puderam percebê-los.